

Marquês de Abranches: fragmentos de memória

Claudio de Moura Castro

Como neto mais velho do Marcos e da Dani (Anna Amélia), fui o único que poderia ter fragmentos de memória daquela casa, desaparecida em 1947. Lá ocorriam saraus literários bem conhecidos. Mas, pirralho com menos de oito anos, nem sabia deles.

Lembro-me bem da casa. À entrada, havia um laguinho com uma estátua em mármore – acho que era uma mulher. Os vários salões eram abarrotados e tinham imensas cortinas. Era tudo muito escuro, como havia sido a moda, anteriormente.

Em uma área de passagem, havia uma linda pia – que foi levada para a casa do Cosme Velho. Lembro-me do sabonete redondo, pendurado em uma corrente – faz tempo que não vejo mais essa tecnologia. Além disso, sempre cheirava mal a toalha pendurada ao lado – a administração doméstica não era a especialidade da Dani.

Tenho a memória da varanda, onde ouvíamos os discos de 78, em uma vitrola de corda. De uma musica me lembro: “E viva o Imperador e viva a Imperadeira / A cara do professor é de chacoladeira”.

Lá mais para o fundo morava Chachacha, uma tia muito velha, irmã mais da bisavó Laura”. Morava também a Dedé, uma preta velha, nascida antes da Lei Áurea e que havia sido babá da Dani.

A Dona Helena era uma espécie de governanta, contratada para compensar a falta de tempo e dedicação da Dani nesses assuntos. Era uma argentina velha que jamais aprendeu português. No seu quarto abafado, passava o dia tomando mate.

No fundo do quintal estava o galinheiro. A curiosidade é que eu havia ganho um pinto que, ao crescer, acabou se mudando para este novo lar. Esse galo era temido por todos, pela sua brabeza. Mas, aceitava o meu colo com boa vontade. Era a minha grande proeza.

Até hoje, tenho medo de injeções, resultado de experiências dolorosas, com as rombudas agulhas de então. Anunciou-se que alguém viria vacinar todos na casa. Apavorado com a perspectiva de outra picada, escondi-me atrás do galinheiro. Custou imenso trabalho descobrir meu paradeiro e arrancar-me, à força, do cantinho onde estava. Mas era rebate falso, a vacina era contra a varíola, um reles arranhãozinho no braço.